

# Em nome do Brasil

## Saudação

*L. P. Macedo Carvalho*

---



Celebrar é repensar. As comemorações dos 500 anos de descobrimento do Brasil só terão real significado se incluírem reavaliações da trajetória histórica percorrida ao longo desse período. Sempre que se planeja a comemoração de um acontecimento passado, na verdade se está a ter uma visão presente, especulando-se o porvir.

Não se pode escapar ao julgamento dos anos. Nenhum fato é poupado. Somente o implacável juiz tempo o pereniza ou sentencia ao irremediável esquecimento. Os fatos só se eternizam, porém, quando resistem ao crivo da análise histórica em função do valor intrínseco e do benefício proporcionado aos homens, às instituições e às sociedades.

Apesar das lamentáveis ocorrências que empanaram o brilho esperado das celebrações do V Centenário de Descobrimento do Brasil do outro lado do Atlântico, pode-se afirmar, sem sombra de dúvida, haverem elas incentivado a pesquisa histórica de nossas raízes e a conseqüente edição de sem-número de valiosas obras esclarecedoras, principalmente para as gerações futuras. Somente o domínio do já vivido leva ao autoconhecimento e a assumir o que se é, compreender o que se pode fazer e para onde se vai.

Nesse aspecto, penitenciam-se os brasileiros por até agora somente poucos compatriotas terem-se in-

teressado pela história da pátria-mãe, Portugal, grave erro, porque, sem o absoluto saber desde, pelo menos, a época do descobrimento do Brasil ao de sua emancipação política, fica-se carente de subsídios para o melhor entendimento de seus altos e baixos. Tal não se passa com os hispano-americanos, que cultuam as suas origens, preservando os laços culturais com os antigos colonizadores espanhóis, revigorados ainda no limiar do terceiro milênio, sem prejuízo do orgulho nacional de cada país.

O cronista espanhol López de Gómara, na *História Geral das Índias*, escrita em 1552, considera os descobrimentos ibéricos das rotas oceânicas das Índias Ocidentais e Orientais como o maior acontecimento desde a criação do mundo, após a encarnação e a morte do seu Criador. O famoso economista escocês Adam Smith, quase duzentos anos mais tarde, repetia a mesma coisa, apenas com

outras palavras: “A descoberta da América e a do caminho para as Índias Ocidentais, através do Cabo da Boa Esperança, são os dois maiores e mais importantes feitos de que se tem notícia na história da humanidade.”

O Brasil, este país de dimensões continentais, é a maior obra da civilização portuguesa.

Gómara e Adam Smith estavam certos. Mesmo nestes dias de viagens interplanetárias, da globalização e da Internet, muita gente esquece que Portugal abriu as portas do mundo aos europeus ocidentais e que os portugueses tiveram oportunidade de dominar os três continentes – África, América e Ásia – antes de os espanhóis, holandeses e ingleses seguirem as suas pegadas e o vasto império lusitano desmoronar por escassez de recursos financeiros e humanos. De todos os grandes impérios ocidentais, só o português manteve uma extensão territorial como a do Brasil até quase o final do século XIX e conservou sua influência desde o Extremo Oriente, em Macau, a Goa, na Índia, ao Timor, na Indonésia, à África Ocidental. Portugal foi o primeiro e último império europeu, tendo trocado o domínio político-económico de terras espalhadas pelo mundo afora pelas bases de uma comunidade de países com mais de 200 milhões de pessoas que falam a língua portuguesa. Aguarda-se sair da retórica e passar à ação.

Esse império, construído por uma nação pequena e pobre, provocou impacto arrebatador na história das civilizações graças à sua atlanticidade, à sua vocação marítima, assim como aos conhecimentos técnicos, ao arrojo, à bravura e à tenacidade do seu povo. Valendo-se da arte da construção naval e dos instrumentos de navegação herdados de árabes e judeus, os portugueses produziram navios cujas manobrabilidade e artilharia superaram de longe aos daquele tempo e traçaram derrotas com espantosa

precisão para a época. Os sonhos do Infante Dom Henrique não se concretizaram por acaso. Os descobrimentos, está comprovado, foram bem planejados e audazmente empreendidos. A força motora que compeliu os portugueses aos mares tórridos nunca dantes singrados resultou da vontade de propagação de fé cristã aliada à de exploração do planeta desconhecido em busca de riquezas materiais. A Europa veio a controlar o comércio das especiarias e a desfrutar da suntuosidade da laca, das sedas e das porcelanas vindas do Oriente por intermédio dos marinheiros portugueses, da mesma forma que o Brasil, a China e o Japão travaram conhecimento com armas de fogo e com a cruz de Cristo pelas mãos de capitães e missionários oriundos de Lisboa. A contribuição trazida à educação e à proteção dos silvícolas pelos religiosos lusos nunca foi tão grande como no Extremo Oriente e no Brasil. As expedições e explorações geográficas resultantes de suas viagens marítimas deram maior avanço à cultura ocidental europeia, e os aquedutos e as fortificações ainda hoje espalhados nos quatro cantos do globo atestam o valor da arquitetura e da engenharia portuguesas.

Não se pode negar heroísmo e glória aos grandes capitães lusos cantados nos imortais versos de *Os Lusíadas*, embora reduzidos benefícios hajam trazido à Coroa portuguesa.

Acusam os portugueses de conservadorismo e relutância profunda em aceitar a evolução do mundo, na tentativa de resistir ao tempo, mas olvidam a época legendária em que o Infante Dom Henrique cercou-se de alguns judeus e moçárabes mais conceituados de então em náutica, cartografia e matemáticas, até a Inquisição pôr tudo a perder. A despeito de o historiador inglês contemporâneo C. R. Boxer afiançar que os portugueses eram extremamente racistas e de ter existido em Lisboa o merca-

do de escravos mais atroz da Europa, há de se reconhecer a tolerância racial em se miscigenar no Brasil, em Goa, em Moçambique e em Angola.

Pagando terrível preço, essa raça de homens de ferro e vontade de aço mudou o curso da história nos séculos XV e XVI, dominou os mercados mundiais, forjou os alicerces industriais da futura Europa e desenvolveu a cultura que ensejou oportunidade de novo tipo de vida à humanidade.

Privaram-no das riquezas de suas conquistas, mas não se consegue tirar de Portugal a façanha extraordinária de um país tão pequeno e tão pobre, com uma população total de aproximadamente um milhão de habitantes ao término da Idade Média, haver gravado indelevelmente seu nome na história universal por meio de sua nobreza, seu clero e seu povo, cujos traços de gente hospitaleira e tolerante jamais se encontraram em outras raças.

Por ocasião da abertura deste Simpósio, no Rio de Janeiro, o Tenente-General Themudo Barata aludiu a três marcas deixadas pelo Brasil em Portugal – a esfera armilar da bandeira, o “Termo de Olivença” e Matias de Albuquerque.

Neste momento, antes de seu encerramento, aqui, em Lisboa, permita-se lembrar que os brasileiros têm enorme dívida, impagável, para com os portugueses – a sua origem racial, a unidade territorial e lingüística mantidas com muito orgulho ao longo desses quinhentos anos, afora os costumes, a fé cristã e as tradições.

Por isso, num balanço dos malogros e realizações sobre o passado, sem otimismo nem pessimismo, deve-se abrigar um sentimento de orgulho da origem portuguesa, bem como exaltar as figuras históricas daqueles a quem muito se tem a agradecer, recordando Fernando Pessoa ao dizer que “paura neles o passado e o futuro, dorme neles o presente”. Entre outros, vale mencionar que ganharam a imor-

redura gratidão dos brasileiros e merecem todo o seu respeito, no decorrer desses 500 anos de História do Brasil, as figuras do:

– Mestre-de-Campo General Francisco Barreto de Menezes, condutor das tropas luso-brasileiros vitoriosas nos Montes Guararapes;

– Marquês de Pombal, responsável pela configuração política do território do Brasil;

– Dom João VI, fundador da nacionalidade brasileira;

– Dom Pedro I, proclamador da Independência do Brasil.

Portanto, há que se honrar e preservar a herança transmitida pelos antepassados portugueses e manter o idioma de Camões adotado pelos brasileiros, segundo Eça de Queirós. Convicto se está que a defesa desses valores, ameaçada cada vez mais pelas diversas vertentes da realidade internacional em constante e rápida mutação, fundamenta-se na conservação do patrimônio histórico e cultural comum, bens inalienáveis.

Tenho plena certeza de que todos os participantes deste Simpósio, brasileiros e portugueses, terão seus conhecimentos mais enriquecidos a respeito desse rico período comum de nossa história militar, que está a oferecer, ainda, vasto campo de pesquisa fértil, tanto em Portugal como no Brasil.

*“Quem sua terra não faz senhora  
Tê-la-á serva de outros senhores.”*

*Este artigo foi apresentado pelo autor no Colóquio Militar Luso-Brasileiro, realizado em Portugal no ano de 2002.*

**L. P. Macedo Carvalho** – Coronel de Artilharia e Estado-Maior, natural do Rio de Janeiro. Foi Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, presidente do Conselho Editorial da Biblioteca do Exército e Conselheiro da Funceb.